

ID: 680606

HOSPITAL FUNDAÇÃO: UM MODELO DE GESTÃO HOSPITALAR?

G. Rego, R. Nunes, Faculty of Medicine of Oporto University, PORTUGAL;

Objectivos (Objectives):

A reforma do Estado assente na introdução da Nova Gestão Pública tem-se reflectido no sector da saúde. Concretamente na adopção de modelos de gestão inovadores para os hospitais públicos. Esta reforma pode ser descrita como uma evolução "por ondas". Uma primeira "onda" decorreu em 2002, quando trinta e quatro hospitais foram transformados em hospitais sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos (SA). Posteriormente, em Janeiro de 2006, os hospitais SA foram transformados em entidades públicas empresariais (EPE), bem como e desde essa data, alguns dos hospitais do sector público administrativo (SPA) tem vindo a ser transformados em hospitais EPE. Foi a segunda "onda", que é a que presentemente está em vigor.

Contudo, porque a insustentabilidade económica e financeira do Estado é ainda uma realidade, e portanto é manifesta a sua incapacidade de satisfazer muitas das expectativas dos cidadãos, da comunidade, e dos profissionais de saúde que continuam a sentir algum descontentamento, repensar a modalidade de governação dos hospitais é instrumental para uma satisfação adequada das expectativas da população.

Assim, e recordando-se que o direito à protecção da saúde é um direito social, explorar em que medida o modelo Hospital Fundação Estatal (HFE) providencia uma melhor aplicação dos princípios da corporate governance e da regulatory governance, promovendo desta forma ganhos de eficiência e de equidade é o objectivo central deste estudo.

Metodologia (Methodology):

A avaliação do desempenho deve-se centrar em actividades de diagnóstico, monitorização e coordenação. Neste contexto, é instrumental que o modelo de governação hospitalar reflecta uma visão global e integrada da instituição atendendo às existentes mas distintas perspectivas.

O modelo de HFE já existe em vários países. Porém, este modelo de governação pode ser refinado. Para este efeito descrevem-se algumas experiências internacionais com alguma evidência empírica já existente (Reino Unido e Brasil) com a finalidade de se aflorar com maior grau de profundidade as suas potencialidades e as suas fraquezas.

Nesse seguimento, procedeu-se a uma reflexão estratégica, baseada numa análise SWOT, com a finalidade de identificar, os principais desafios internos (forças e fraquezas) e externos (oportunidades e ameaças) à implementação deste modelo de gestão.

Resultados (Results):

Embora se reconheça a necessidade de mais evidência empírica a fim de validar esta terceira "onda", parece poder referir-se que o modelo de HFE pode ser percebido como um modelo de gestão alternativo para os hospitais públicos portugueses.

A particularidade deste modelo relativamente aos modelos existentes prende-se com a descentralização, com o empowerment e consequentemente com uma partilha formal na gestão e na tomada de decisões pelos distintos grupos de interesse, internos e externos à instituição. Assim, é de esperar que este modelo de gestão se constitua como uma alternativa mais ágil, transparente e participativa, e portanto alvo de um maior controlo por parte da sociedade.

Conclusões (Conclusions):

O Modelo HFE parece, assim, ajustar-se mais adequadamente ao actual e futuro perfil das instituições de saúde que, apesar da sua natureza pública, se perfilam cada vez mais competitivas e que, portanto, tenderão a focalizar-se na criação de valor acrescentado, centrando-se nos diferentes grupos de stakeholders, enfatizando a optimização dos resultados e a avaliação do desempenho, bem como valorizando a inovação e o empreendedorismo. E deste modo, permite concretizar uma nova etapa da governação ético-social da saúde.